



ENTREVISTA

## ENTREVISTA COM MARCOS AUGUSTO GONÇALVES<sup>1</sup>

---

**CPF:** Você publicou um livro há dez anos que desmistificou a Semana naqueles aspectos que vieram à tona em 2022 com ares de novidade. *A semana que não terminou* é um livro de um jornalista sem pretensões, como você comentou várias vezes, e que, no entanto, conseguiu, como nenhuma outra publicação com esse caráter, ter boa aceitação no meio acadêmico, sobretudo dentre os pesquisadores que trabalham com a Semana. A que você atribui essa fórmula de sucesso?

**Marcos Augusto:** Olha, antes de mais nada, obrigado pelo considerável sucesso. O livro teve como objetivo central ser uma reportagem histórica que procurasse reconstituir a Semana. Então para isso eu contei com uma pesquisa já relativamente avançada do meio acadêmico, de uma série de críticos, professores, que se dedicaram ao longo dos anos a estudar a Semana de Arte Moderna de São Paulo. Isso já foi um certo avanço para o trabalho, já partir do patamar de um assunto relativamente pesquisado. O que era uma vantagem de um lado, mas uma desvantagem por outro, também, porque corria o risco de o livro ficar chovendo no molhado, digamos assim, de não apresentar novidades. Então foi um desafio retomar esse tema, de certa forma bastante explorado, de uma maneira que fosse atraente e que pudesse levar ao leitor, aos interessados, algum tipo de novidade, não só do ponto de vista factual de alguma descoberta. O que eu me coloquei como desafio foi tentar apresentar uma compreensão daquele processo com uma revisão histórica de alguns pontos de vista que se tornaram hegemônicos durante esse período, mas que fosse capaz de dar ao leitor uma visão mais global do evento, especialmente dos seus antecedentes, seus personagens principais e um pouco do que veio depois. Isso, no livro, realmente é uma parte menos importante, acho que o fundamental era conseguir montar uma reportagem histórica que apresentasse os principais personagens e que mostrasse o pano de fundo do processo cultural, histórico e o contexto em que se deu a articulação dessa Semana de Arte Moderna de São Paulo. Procurei também usar uma linguagem relativamente acessível, uma linguagem jornalística. O livro tem essa cogitação, mas alguma coisa que fosse legível, que não ficasse entrando em disputas acadêmicas, que eu acho que poderiam ser de interesse, mas também

---

1 Estudou literatura na PUC-RJ e cursou o mestrado em Comunicação na UFRJ. Trabalhou para diversos veículos da imprensa brasileira. Foi editor da “Ilustrada” e do caderno “Mais”!, da *Folha de S.Paulo*, onde também exerceu o cargo de editor de “Opinião”. Autor de *1922 - A Semana que não terminou* e, com Heloisa Buarque de Hollanda, de *Cultura e participação nos anos 60* e organizador de *Pós-tudo - 50 anos de cultura na Ilustrada*.

poderiam ser um fator que afugentasse, digamos assim, a leitura mais fluente. Acho que o livro entra nessas questões acadêmicas também porque se põe em discussões mais conceituais, mas tem como primado esse relato jornalístico, histórico.

**CPF:** Quais condições você percebe nos dias de hoje que permitem a atualidade do seu texto?

**Marcos Augusto:** Eu acho que o livro tem essa virtude de apresentar o exemplo dentro de um contexto histórico e, ao mesmo tempo, ele eleva uma reflexão sobre o presente. Obviamente, levei em conta também o que se discutia mais recentemente, embora o livro já tenha dez anos, o que era a discussão mais em torno do Modernismo no Brasil. Acho que é uma boa introdução, digamos assim, àquele contexto histórico e às questões principais que estavam em discussão, que remetem às questões culturais e políticas do Brasil. O livro tem um interesse para o leitor contemporâneo, ele continua vivo e útil, tem uma função a cumprir e de certa forma ele vem cumprindo. Os retornos que recebi foram muito bons e estou muito satisfeito. A discussão agora avançou para um outro terreno, que é a discussão sobre a diversidade, sobre a participação de artistas negros, por exemplo, a questão toda que hoje se discute sobre a identidade racial, sobre a questão da elite, o fato de o movimento ter tido como seus protagonistas alguns personagens ligados à elite de São Paulo, o próprio universo da classe dominante cafeeira na época, enfim, acho que a discussão avançou já um pouco em relação ao que o livro traz, mas acho que o livro permite dar uma base, dar um patamar a partir do qual essas pessoas podem ser tratadas até com mais propriedade.

**CPF:** Como você avalia as propostas da Antropofagia hoje frente às novas pautas identitárias que estão se impondo nos últimos anos?

**Marcos Augusto:** A formulação da Antropofagia surge a partir do final da década de 1920, com o Oswald, a Tarsila, o próprio *Macunaíma* do Mário de Andrade, e o Oswald de Andrade levou isso posteriormente mais à frente. É um conceito-chave para a gente entender a dinâmica da cultura brasileira, essa relação com o outro, seja o outro europeu, estrangeiro, seja o outro nosso também, nosso no sentido do país. Então, obviamente o país não é uma massa homogênea, existe uma série de contradições, de interesses, uma diversidade racial, econômica, de gênero, então todas essas pessoas de alguma maneira apareceram ali no movimento modernista, em São Paulo e também em outros estados. A gente está falando de São Paulo porque em São Paulo houve uma articulação, houve uma militância, houve um movimento propriamente dito, com manifestos, com uma atuação da imprensa que de fato diferenciou o Modernismo em São Paulo

de outros modernismos que foram ocorrendo, como o Ruy Castro coloca em relação ao Rio de Janeiro, que era uma cidade já moderna em diversos aspectos, um dos principais centros do país. Isso tudo foi levado em conta, é pertinente. A questão da Antropofagia e as próprias propostas do Modernismo em São Paulo não se fecham a esse debate contemporâneo, pelo contrário, não se pode querer que esse movimento, que começou cem anos atrás tivesse, naquele momento, a consciência que se tem hoje em relação a este universo de questões, mas basta ter um mínimo de abertura e de visão para perceber que essas questões estavam ali colocadas de alguma maneira. Não da maneira como são colocadas hoje, obviamente, mas estavam ali potencialmente colocadas.

**CPF:** Os debates trazidos nas comemorações do centenário têm colocado em pauta muitos temas como a identidade, o racismo, as sociedades tradicionais, que foram alijadas da narrativa principal da Semana. Diante dessas novas questões, como você tem encarado essas revisões críticas e de que forma continuar a falar das figuras canonizadas pela crítica sem se afastar do debate público atual?

**Marcos Augusto:** Vejo como uma consequência natural e bem-vinda. É importante questionar os mitos da Semana, o meu livro mesmo entra nessa discussão sobre a ideia de criar um mito fundador do Modernismo, como se o Modernismo tivesse uma data e um local para nascer. Penso que ocorreu, de fato, uma tentativa de transformação da Semana em um evento que presidisse a fundação do Modernismo brasileiro, que é como se fosse uma espécie de *big bang* de tudo. Embora não reste dúvida de que apenas em São Paulo aconteceu um movimento organizado e programático em torno das propostas estéticas do modernismo, prevaleceu em parte essa visão equivocada a que me referi. A própria Semana surgiu em um contexto de projeção de São Paulo, que era naquele momento uma cidade que crescia vertiginosamente, sob o impulso da economia do café. O estado de São Paulo enriqueceu de uma maneira muito rápida, e havia ali todo um desejo de afirmação da identidade paulista, a construção de uma liderança intelectual de São Paulo, de um projeto de liderança intelectual de São Paulo, que queria também ser influente e se via em condições de assumir um papel de liderança nacional como já exercia, de certa forma, no terreno da economia e da política, dividindo com outras forças nacionais, mas com uma presença bastante marcante, e também se projetava como uma possível liderança cultural para o Brasil. São Paulo se via, a elite de São Paulo, os intelectuais de São Paulo, parte, não como um bloco, mas esses setores mais modernizantes, digamos assim, de São Paulo se viam como potenciais líderes do Brasil do século XX, um novo século, uma nova época, e havia esse desejo de rivalizar com o Rio de Janeiro e de colocar

questões que, aos paulistas, pareciam que estavam sendo recalçadas ou abandonadas ou sobre as quais a atenção do país não era suficiente. Então, faz parte do projeto modernista, do movimento modernista de São Paulo esse desejo de projeção da elite, da intelectualidade e do estado de São Paulo, como centro capaz de exercer uma liderança do século XX. O Rio foi a liderança do Século XIX, e agora que os tempos estão mudando o futuro pertence a São Paulo, foi um pouco esse sentimento. Essa visão sobre o que foi o movimento modernista, a Semana de Arte Moderna, não pode prescindir dessa ideia de um projeto nacional. Um projeto nacional, não nacionalista, com um internacionalismo presente de maneira muito explícita no movimento modernista, uma vontade de cosmopolitismo e também todo um projeto de país. Tem ali subjacente um projeto de país que leva em conta a sua diversidade, que leva em conta a cultura indígena, que leva em conta a cultura negra, isso tudo está ali presente, embora você não tenha o artista negro, o artista indígena, enfim, são circunstâncias históricas. Mas esse desejo de incorporação, de integração de um país diverso está presente no Modernismo de São Paulo de uma maneira muito evidente.

**CPF:** Você julga que a Semana de 22 auxiliou nesse projeto construído pelas gerações posteriores? Em que medida?

**Marcos Augusto:** Penso que sim. Ter intelectuais e artistas como o Mário de Andrade, como o Oswald de Andrade, como a Tarsila do Amaral, como Heitor Villa-Lobos, Di Cavalcanti... note-se aí que não são todos paulistas. A Semana na verdade foi uma festa de São Paulo, mas para a qual São Paulo convidou representantes de outros estados, não só do Rio de Janeiro, mas de Pernambuco, Minas, entre outros. Basta ver a atuação e a obra desses expoentes do Modernismo que estavam na Semana de 22 para entender que houve de fato uma grande influência no processo de imaginação do Brasil, do que seria o Brasil, um Brasil moderno, um Brasil que se encontrasse consigo mesmo, enfim, que pensasse a questão da sua identidade de uma maneira descolonizada, como hoje em dia, que voltamos muito a falar nesse assunto da descolonização — ou da decolonização. Obviamente que tem uma coisa da Semana de Arte Moderna no Tropicalismo, tem alguma coisa na própria formulação da Bossa Nova, das vanguardas também dos anos 50, do Concretismo... Não que a Semana de 22, o movimento Modernista em São Paulo, tenham sido os criadores desses desdobramentos, não que tudo venha dali, mas de fato houve uma influência sobre o debate cultural do século XX também sobre as questões políticas em um sentido mais amplo de concepção de país, o que é Brasil, o que nos distinguiria como cultura, e aí a questão da antropofagia também é muito importante nesse universo, nessa discussão. Então, o movimento

modernista de uma maneira ou de outra teve uma influência importante na discussão sobre o Brasil no século XX.

**CPF:** Como você lê o debate atual acerca do que não estava presente na semana?

**Marcos Augusto:** Acho bom o debate atual, que descentralizou de uma vez por todas a Semana. Surgiram muitas manifestações de artigos, livros, ensaios, críticas, colocando em questão uma série de mitos relacionados à Semana, apontando também uma série de contradições, de problemas. Vejo com bons olhos o debate atual, e o centenário acabou provocando uma onda crítica em relação à Semana e ao Modernismo de São Paulo. Teve uma excelente exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo, com curadoria de Aracy Amaral e Regina Teixeira de Barros, sobre vários modernistas brasileiros. A mostra colocou em perspectiva a Semana, relativizou o seu peso e corrigiu uma distorção que se acumulou ao longo do tempo. Então eu vejo como um debate bastante rico, porque travou e tem travado ainda neste ano do centenário justamente pelo seu potencial crítico. Tem sido muito importante submeter algumas verdades estabelecidas sobre o Modernismo de São Paulo, submeter a um crivo crítico, e isso tem sido feito. Às vezes talvez de maneira um pouco forçada, um pouco exagerada, dependendo de quem observe, mas acho necessário que seja assim também, é natural que seja assim e acho bastante positivo.

**CPF:** Qual o lugar das periferias na inovação cultural dos dias de hoje? Estamos falando de um novo Modernismo feito longe dos espaços intelectuais legitimados ou de uma mera apropriação das culturas periféricas?

**Marcos Augusto:** Tendo a concordar com o Zé Miguel Wisnik, que escreveu sobre esse assunto com o seguinte ponto: o que a gente assiste hoje é a emergência dessa voz da periferia, digamos assim, desse outro da cultura popular, da cultura negra, da cultura indígena, de uma maneira mais direta, sem a mediação. Naquele momento do Modernismo, essas manifestações vinham mediadas por aqueles artistas e aqueles intelectuais, hoje vêm diretamente da “periferia”. A gente está assistindo a um fenômeno muito rico dessa diversidade cultural, econômica, socioeconômica, de gênero, de raça, essa diversidade está falando por si mesma, não precisa mais que venha alguém falar por eles ou por elas. Ou por ela, por essa diversidade, que está ganhando capacidade de se autorrepresentar, de falar por si mesma e de se apresentar como sujeito no debate político, cultural. Enfim, é de fato uma novidade auspiciosa.